

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INSERINDO CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES EM PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE

Cinara Pereira dos Santos¹
Prof.^a Dr.^a Patrícia dos Santos Moura²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a relevância de oferecer práticas de leitura, escrita e oralidade na perspectiva do letramento na última etapa da Educação Infantil, que antecede o primeiro ano do Ensino Fundamental, sem prejudicar a aprendizagem lúdica que as crianças pequenas precisam vivenciar. Para esta discussão, apoio-me especialmente na obra de Brandão e Rosa (2011) e também busco apoio teórico em Emília Ferreiro (1985), que também já problematizou esta questão da alfabetização ou não na pré-escola. Em uma perspectiva distinta, porém indissociada da alfabetização, sustento meus entendimentos sobre letramento em Soares (2001). Realizei uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza aplicada e como procedimento técnico a pesquisa-ação. Portanto, este trabalho vem apresentar a relevância da leitura, da escrita e da oralidade no espaço da pré-escola, desde que trabalhado de forma lúdica e a partir das vivências e dos interesses das crianças, dando continuidade aos processos de alfabetização e letramento que algumas já possuem, antes mesmo de chegar às salas de aula da Educação Infantil. Assim, procuro evidenciar que é possível realizar um trabalho de alfabetização na pré-escola, sob a perspectiva do letramento, com atividades prazerosas, motivadoras e desafiadoras, enfatizando a forma lúdica de ensinar.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Pré-escola.

ABSTRACT

This work aims to discuss the relevance of offering practices of reading, writing and speaking skills in literacy perspective in the final stage of early childhood education, which precedes the first year of elementary school, without sacrificing ludic learning that young children need to experience. For this discussion, I support me especially on the assumptions of Brandão and Rosa (2011) and seek theoretical support in Emilia Ferreiro (1985), who has also problematized this issue of literacy, or not, in the preschool. In a different perspective, however inseparable of the literacy, sustenance my understandings of letramento in Soares (2001). I carried through a qualitative

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Unipampa – Campus Jaguarão/RS e professora da rede municipal de ensino.

² Professora adjunta do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Unipampa – Campus Jaguarão/RS. Coordenadora do Subprojeto Pibid – Área Letramento e Educação Infantil.

research, with an applied nature, and, as a technical procedure, the research-action. Therefore, this paper hereby presents the importance of reading, writing and speaking skills in preschool space, since been working in a playful manner and from the experiences and interests of children, continuing the literacy and letramento processes that some already have, before you even get to early childhood education classrooms. Thus, I try to show that can be carry out a literacy work in the preschool, from the perspective of literacy, with pleasurable, motivating and challenging activities, emphasizing the playful way of teaching.

Keywords: Literacy. Letramento. Preschool.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento na Educação Infantil é um assunto pelo qual tenho grande interesse em virtude da minha própria trajetória profissional. Como atuo nesta área há sete anos, vejo meus alunos de cinco e seis anos de idade querendo muito aprender a ler e a escrever, mas muito ouço sobre não se sistematizar o trabalho de alfabetização na Educação Infantil, por ser a primeira infância³ considerada um tempo em que as crianças devem prioritariamente brincar. A partir dos estudos que venho fazendo no curso de licenciatura em Pedagogia, especialmente após as práticas de estágios curriculares, creio que já na Educação Infantil as crianças também possam aprender sobre a leitura e a escrita, sem deixar de ludicamente⁴ ampliar a sua oralidade.

O mundo contemporâneo está repleto de estímulos visuais e gráficos, e as crianças que vivem em um ambiente letrado são mais motivadas à descoberta sobre o que diz nos livros, entre outros portadores textuais.

O objetivo principal deste trabalho é discutir a relevância de oferecer práticas de leitura, escrita e oralidade na perspectiva do letramento na última etapa da Educação Infantil, que antecede o primeiro ano do Ensino Fundamental, sem prejudicar a aprendizagem lúdica que as crianças pequenas precisam vivenciar.

A partir do objetivo acima, passei a fazer-me as seguintes indagações: como o professor que atua com crianças até os seis anos pode oferecer um

³ Quando menciono a expressão “primeira infância” refiro-me à faixa etária compreendida entre os zero e os cinco anos e onze meses.

⁴ Uma forma de desenvolver a criatividade e o conhecimento através de jogos, músicas e brincadeiras com o objetivo de ensinar e aprender se divertindo e interagindo com o outro.

espaço de exploração pedagógica da leitura, da escrita e da oralidade em sua sala de aula? Como poderá se dar a inserção de práticas de leitura, escrita e oralidade, antes do Ensino Fundamental, e o que isto irá repercutir na aprendizagem dos alunos?

Procuro nesta pesquisa apresentar subsídios teóricos para apontar a importância da exploração dos interesses das crianças acerca da lecto-escrita, os quais podem se manifestar desde a mais tenra idade, já que estão inseridas em mundo letrado. Além disso, muitas crianças são extremamente curiosas, querem saber mais e já chegam à pré-escola com uma bagagem de saberes e, muitas vezes, de hipóteses sobre a leitura e a escrita enquanto sistema⁵. Então a questão não é simplesmente discutir se deve ou não se deve alfabetizar na Educação Infantil, mas sim considerar os interesses e as especificidades das crianças com as quais se está trabalhando na escola.

Através desta pesquisa pretendo provocar reflexões e também trazer contribuições para o trabalho de professores que atuam na pré-escola, para que além de atender às crianças em suas necessidades emocionais, afetivas, físicas e sociais, também promovam um espaço voltado à construção lúdica do conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética, na perspectiva do letramento.

Para esta discussão, apoio-me especialmente na obra de Brandão e Rosa (2011), em que são apresentados artigos que discutem a possibilidade de iniciar um processo de aprendizagem de alguns princípios do sistema de escrita alfabética ao mesmo tempo em que interagem de forma lúdica em práticas de uso da leitura, escrita e oralidade. Segundo essas autoras, isto favorece a ampliação do universo cultural da criança, promovendo o contato com a leitura e a escrita e sua função comunicativa em um ambiente estimulante e desafiador. Também busco apoio teórico em Emília Ferreiro (1985), que também já problematizou esta questão da alfabetização ou não na pré-escola em um de seus escritos⁶. E em uma perspectiva distinta, porém indissociada da alfabetização, sustento meus entendimentos sobre letramento em Soares (2001).

⁵ Sistema de escrita alfabética.

⁶ O Espaço da Leitura e da Escrita na Educação Pré-escolar. Reflexões sobre a alfabetização.

Assim, na segunda seção deste artigo passo a contextualizar teoricamente esta pesquisa a partir das autoras acima e outros estudiosos que se alinham às suas perspectivas teóricas. Em seguida, na terceira seção, apresento as escolhas metodológicas que configuraram esta investigação. Na quarta seção, apresento minhas análises acerca das práticas de leitura, escrita e oralidade e os seus efeitos nas aprendizagens dos alunos pré-escolares. Ao apontar algumas (in)conclusões, esboço as contribuições gerais destas práticas na última etapa da Educação Infantil.

2. ALFABETIZAR LETRANDO E LETRAR ALFABETIZANDO NA PRÉ-ESCOLA: ISTO É POSSÍVEL?

Existem diferentes opiniões sobre ensinar ou não as crianças a ler e escrever na Educação Infantil. Muito se fala sobre oferecer um espaço de acesso à leitura e à escrita antes do ensino fundamental, porém há um certo receio de que tais práticas pedagógicas possam vir a “roubar” a infância, isto devido às diferentes perspectivas sobre o que a escrita pode representar na vida das crianças.

Segundo Magda Soares (2001), a palavra letramento dá um sentido mais amplo à palavra alfabetização, pois as pessoas podem não saber ler e escrever, ser analfabetos, mas podem ser letrados, utilizando a leitura e a escrita em práticas sociais. De acordo com a autora, a criança poderá se alfabetizar, mas sem o letramento não irá adquirir habilidades para fazer o uso da leitura e da escrita em diferentes contextos, inclusive ampliando sua oralidade.

Em uma perspectiva centrada nos métodos e no olhar dos professores, na aprendizagem inicial da escrita as práticas utilizadas para alfabetizar são baseadas na junção de sílabas e na memorização dos sons e cópias, fazendo com que as crianças não participem do processo de construção do conhecimento, mas sim apenas recebam informações.

Em contrapartida, Ferreiro (1996, p.24) argumenta que “o desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Ainda hoje, podemos ver alguns professores que ensinam aos seus alunos da mesma forma como foram alfabetizados, tornando a alfabetização uma técnica, percebendo a criança apenas como um receptor do que ele ensina.

Para Ferreiro (1996) a leitura e a escrita são sistemas construídos paulatinamente. Os professores devem considerar os primeiros rabiscos feitos pelas crianças no início da aprendizagem como produções de grande valor, porque de alguma forma elas esforçaram-se para colocá-los no papel, na intenção de representar algo. Dessa forma, é importante que o professor considere as escritas dos seus alunos de modo construtivo, considerando a evolução de cada criança. Devemos levar em consideração o fato de que algumas crianças convivem com adultos alfabetizados, possuem livros e computador em casa, por exemplo. Fazem parte de um mundo letrado e vivem em um ambiente alfabetizador, por isso adquirem o gosto pela leitura e escrita, querendo talvez aprender mais para poder escrever bilhetes, ler os livros e revistas entre outros. Nesse sentido, Ferreiro (1999, p.23) salienta que

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

Levando em consideração que existem crianças que não tem contato com pessoas alfabetizadas e com o uso social da leitura e da escrita, penso que práticas na pré-escola fariam com que estas crianças tivessem o acesso que as outras possuem em seu cotidiano com mais intensidade.

Porém, como a alfabetização ainda é vista como um processo mecânico, alguns educadores acreditam que se refletirmos sobre as propriedades do sistema de escrita alfabética na Educação Infantil, acontecerá a perda da infância e da cultura do brincar na escola, porque as crianças deixarão de vivenciar momentos lúdicos mais cedo. Nessa visão, seria então prematuro inserir as crianças neste processo durante a pré-escola, pois nesta perspectiva elas só estariam prontas, “maduras” para se alfabetizar depois dos seis anos

de idade, ou seja, no primeiro ano do Ensino Fundamental. De acordo com Stemmer (apud BRANDÃO; LEAL, 2011, p.19),

Como comumente a aprendizagem da leitura e da escrita não tem sido sequer considerada na educação infantil, o que existe é um total desconhecimento do assunto. O resultado mais imediato é que os professores diante do evidente interesse demonstrado pelas crianças em querer aprender a ler e escrever ficam sem saber o que fazer, e em muitos casos, acabam por reproduzir práticas de ensino a que eles próprios estiveram submetidos em suas experiências escolares, sem, no entanto, terem o conhecimento necessário para compreender as razões do que fazem e sem subsídio teórico algum para alicerçar suas práticas.

Outro aspecto que devemos levar em consideração é que na pré-escola as crianças já reconhecem semelhanças e diferenças entre as escritas, quando brincam com a sonoridade das palavras. Eles manuseiam materiais escritos como revistas, livros, gibis e o professor realiza a leitura de histórias para a turma. Solé (apud BRANDÃO; LEAL, 2011, p.20) afirma que:

Não se trata de acelerar nada, nem substituir a tarefa de outras etapas com relação a esse conteúdo (a leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar.

Vimos então que não é só necessário aprender a compreender o sistema escrito, mas também saber como utilizá-lo e para que ele serve em diferentes contextos. Portanto, alfabetização e letramento são dois processos distintos mas que devem andar juntos, para que haja uma alfabetização plena. Como salienta Magda Soares (1998, p.47):

[...] Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

Na pré-escola, onde o lúdico é princípio indispensável ao planejamento, para que aconteça a aprendizagem, podem ser propostas atividades prazerosas, pois quando as crianças fazem rabiscos e dão um significado para os mesmos, estão assimilando conceitos que irão facilitar na representação de

sons e símbolos que correspondem à língua escrita. Ferreiro (2001, p.102) aponta algumas estratégias pedagógicas nesse sentido:

A pré-escola deveria permitir a todas as crianças a liberdade de experimentar os sinais escritos, num ambiente rico em escritas diversas, ou seja: escutar alguém lendo em voz alta e ver os adultos escrevendo; tentar escrever (sem estar necessariamente copiando um modelo); tentar ler usando dados contextuais, assim como reconhecendo semelhanças e diferenças nas séries de letras; brincar com a linguagem para descobrir semelhanças e diferenças sonoras.

Existem várias situações em que as crianças podem perceber a função da escrita para fins diversos e que possibilitam que elas as utilizem em práticas de interação social. Através dos livros, por exemplo, as crianças começam a se familiarizar com o texto escrito e distinguir o que é escrita e o que é ilustração, percebendo que aquelas letras contam a história, motivando-se para saber o que está escrito ali, além de enriquecer seu vocabulário e sua compreensão estética. Ao criticar a perspectiva que defende a maturidade e a prontidão para a alfabetização, Ferreiro (2001, p.101) explica que

[...] A tão comentada “prontidão para a lecto-escritura” depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a língua escrita do que de qualquer outro fator que seja invocado. Não tem sentido deixar a criança à margem da língua escrita, “esperando que amadureça”. Por outro lado, os tradicionais “exercícios de preparação” não ultrapassam o nível do exercício motriz e perceptivo, quando é o nível cognitivo aquele que está envolvido (e de forma crucial), assim como complexos processos de reconstrução da linguagem oral, convertida em objeto de reflexão.

Então, o acesso à leitura e à escrita na pré-escola, nessa perspectiva, deverá ter como base o letramento, já que o ato de ler e escrever é um meio de interação e comunicação social, enquanto a alfabetização deve ser entendida como uma ferramenta que a criança irá usar para envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita. Desse modo, Ferreiro (2001, p.103) problematiza que:

[...] Em vez de nos perguntarmos se “devemos ou não devemos ensinar” temos de nos preocupar em DAR ÀS CRIANÇAS OCASIÕES DE APRENDER. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural.

Portanto, podemos afirmar que a leitura e a escrita tem um espaço muito importante na pré-escola, desde que trabalhado de forma lúdica e a partir da vivência e do interesse das crianças dando continuidade aos processos de alfabetização e letramento que algumas já possuem antes mesmo de chegar às salas de aula da Educação Infantil.

3 ALGUNS ESTUDOS SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, pretendo apontar alguns estudos produzidos como Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias, dissertações e teses que procuram discutir a alfabetização e o letramento na Educação Infantil, nas perspectivas abordadas por Soares (2001) e Ferreiro (1996; 1999), para contextualizar a pertinência desta investigação.

Gramajo e Pinho (2015) apresentaram práticas de leitura, escrita e oralidade envolvendo o conto clássico *Chapeuzinho Vermelho* e suas releituras promovendo atividades que procuravam despertar a curiosidade das crianças pela cultura escrita. As autoras ressaltam a motivação e entusiasmo dos alunos, ao trabalharem conhecimentos sobre as letras e os textos e a importância de considerá-los ativos na construção de conhecimentos e saberes. Concluíram que todos, de uma forma ou de outra, despertaram para novas descobertas, recordando atividades anteriores e mostrando que estavam inseridos no fio condutor do projeto didático desenvolvido.

Monteiro (2010), em sua pesquisa, investigou como o professor que atua com crianças até seis anos de idade pode oferecer um espaço de leitura e escrita em sua sala de aula. Os principais objetivos da pesquisa foram conhecer como acontece a alfabetização e o letramento antes do ensino fundamental e no que poderá repercutir no desenvolvimento dos alunos. Sua pesquisa apoiou-se em um diário de campo realizado em uma turma de Jardim B com crianças de aproximadamente cinco e seis anos em uma escola de Educação Infantil de Sapiranga/RS. A pesquisadora observou que pode ser oferecido um espaço para aprender sobre a leitura e a escrita antes do Ensino Fundamental, porém nunca esquecendo da forma lúdica de ensinar os pequenos.

Andrade (2011) em sua dissertação de mestrado descreveu e analisou as práticas pedagógicas de letramento realizadas por uma professora de Educação Infantil e identificou os possíveis impactos dessas práticas na relação dos alunos com a escrita, fora do ambiente escolar. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, com características etnográficas. A coleta de dados foi realizada em uma escola particular de Campinas, e incluiu observações participantes em uma classe de Educação Infantil, com crianças de 4 a 5 anos. Ela concluiu que o trabalho desenvolvido com a escrita pela professora além de envolver as crianças em práticas reais de leitura e escrita, desenvolvendo o letramento, também trabalhou aspectos relativos ao sistema alfabético e ortográfico da escrita, ou seja, também alfabetizou, em um contexto amplo de letramento. Com relação aos impactos dessas práticas pedagógicas, a análise e a discussão do trabalho realizado pela professora pesquisada apontaram alternativas de atuação pedagógica para os educadores que trabalham nesta área, ajudando-os a elaborarem uma mediação mais eficaz.

Silva (2013), em sua monografia, procurou entender como o início do processo de alfabetização pode acontecer na pré-escola, favorecendo o desenvolvimento e a consolidação desse processo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente no primeiro ano. A partir de vivências e experiências em instituições de Educação infantil, ela apresentou seu ponto de vista sobre a possibilidade de ingressar a criança no ambiente propício ao desenvolvimento da leitura e da escrita. A autora enfatizou que a cultura da promoção de um ambiente alfabetizador precedente à sistematização da alfabetização propriamente dita, ainda não se estabeleceu com a suficiente força que precisa, na Educação Infantil, para encararmos esse processo com a importância devida. Por fim, concluiu que construir uma sociedade letrada deve ter como princípio uma infância letrada, uma escola emancipadora e, principalmente, a valorização da cultura.

Tenório (2004), em sua monografia, analisou o que é o ambiente alfabetizador na pré-escola e como este se organiza no espaço da sala de aula. No primeiro capítulo, ela deu ênfase aos vários locais em que a leitura e escrita estão presentes e a interação das crianças nestes ambientes. No

segundo capítulo, analisou a questão do ambiente alfabetizador na sala de aula, ressaltando o papel da professora como mediadora da aprendizagem. Também enfatizou que a escola deverá proporcionar um ambiente que permita ao aluno viver experiências com a leitura e a escrita, em seu cotidiano, uma vez que ele já está em processo de alfabetização. Também colocou que a escola geralmente determina a forma que a criança deve aprender a ler e a escrever e que, na maioria das vezes, esse caminho traçado pela escola não tem sentido para a criança. A autora defende o ato de oferecer à criança a possibilidade de construir a sua escrita e ressalta que há outra alternativa de alfabetização, que é a possibilidade de se apostar na capacidade da criança, enxergando-a como produtora do seu próprio conhecimento, oferecendo a ela oportunidades variadas para expressar suas hipóteses e testá-las. Por fim, conclui que o escrever espontaneamente pode ser uma tarefa extremamente fascinante para os alunos, quando o que escrevem é valorizado pela escola e pelo professor.

Scarpa (2006), em um artigo à revista Nova Escola, nos fala que a polêmica de ensinar ou não a ler e a escrever já na Educação Infantil se dá em razão de diferentes pressupostos sobre a alfabetização, e que alguns educadores receiam a antecipação de práticas pedagógicas tradicionais do Ensino Fundamental antes dos seis anos (exercícios de prontidão, cópia e memorização) e a perda do lúdico. A autora salienta que, por outro lado, há quem valorize a presença da cultura escrita na Educação Infantil por entender que para o processo de alfabetização é importante à criança ter familiaridade com o mundo dos textos. Ela enfatiza que a Educação Infantil é uma etapa fundamental do desenvolvimento escolar das crianças, e que as diferenças socioculturais diminuem com a possibilidade do acesso à cultura escrita. Ela defende então que se as crianças participarem de práticas de leitura e de escrita com atividades interessantes, desde o início da escolarização, facilitará para que elas aprendam a ler e a escrever, alfabetizando-se “naturalmente”.

4 METODOLOGIA

Para apontar a importância de oferecer um espaço que possibilite a inserção da leitura, escrita e oralidade na pré-escola a partir de atividades

lúdicas que trabalhem a alfabetização e o letramento, realizei uma pesquisa de caráter qualitativo, a qual Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 26):

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

A opção por esta metodologia é ampliar o conhecimento que se tem sobre o tema em questão, com o reconhecimento da realidade para o questionamento e inserção de estratégias que o professor deve mediar para proporcionar as aprendizagens das crianças, considerando que o conhecimento se dá na influência do sujeito com o objeto. Do ponto de vista da natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, ou seja, aquela que segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p.26): “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”, pois a mesma tem o objetivo de analisar e verificar a influência de realizar um trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento na pré-escola, buscando trazer à tona outras possibilidades aos professores de um trabalho pedagógico voltado às práticas de leitura, escrita e oralidade.

Buscando melhor compreensão sobre o objeto de análise desta pesquisa, análise das práticas de letramento e alfabetização realizadas e seus possíveis impactos na relação entre a criança e a escrita, entendo a importância de que os dados sejam coletados na própria sala de aula, levando em conta as influências do contexto e a perspectiva dos sujeitos. Portanto, os dados devem ser coletados através do contato direto do pesquisador com a realidade investigada. Então utilizo como procedimento técnico a pesquisa-ação, definida por Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p.29) como “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. No espaço da sala de aula, o principal mediador é o professor.

Sua intervenção deve garantir as condições de interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, promovendo a aprendizagem. Assim procuro relatar algumas situações vivenciadas por mim através das práticas desenvolvidas com meus alunos com atividades de letramento e alfabetização, as quais possam contribuir para que se pense em um trabalho voltado para o processo de alfabetização na pré-escola.

4.1 Sessões de atividades de leitura e escrita a partir de diferentes gêneros textuais: práticas de letramento.

Nesta seção irei descrever atividades nas quais realizei a leitura de textos para as crianças, sobretudo livros de história, parlendas, listas de compras, notícias e receitas, proporcionando também que as próprias crianças fossem incentivadas a ler, mesmo que não da maneira convencional. Incluí situações organizadas por mim, em que as crianças folheavam livros livremente, contavam as histórias dos mesmos para os colegas e tentavam ler palavras ou textos maiores.

Atividade 1: Leitura do livro “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof

Os alunos ficam sentados em círculo nas almofadas em cima do tapete, e a professora sentada em uma cadeira pequena, a fim de facilitar a visualização do livro e de suas imagens. Antes de começar a ler a história, apresento a capa, lendo o título e o nome da autora, explicando que foi quem a escreveu. Enquanto leio a história, vou fazendo comentários e, principalmente, perguntas para as crianças, a respeito do enredo.

Atividade 2: Leitura e escrita de anúncio de jornal

Convido as crianças para sentar em círculo em uma das mesas da sala de aula e coloco no meio do círculo um jornal, o qual folheio e comento sobre o que contém em cada página. Depois de propor a visualização de todas as páginas, me detenho mais nos anúncios, questionando sobre o que é um

anúncio, para que ele serve, se os pais deles já haviam postado algum anúncio no jornal, etc. Após a conversa, explico para eles que um anúncio também pode servir para comprar, alugar dar uma informação, procurar um emprego ou algo que foi perdido.

Atividade 3: Música A Dona Aranha

A proposta é que as crianças fiquem sentadas em dois grupos nas mesas, sendo seis em cada mesa. Fixo na parede a letra da música e pergunto para eles o que seria aquele cartaz. Faço perguntas sobre o título e acompanho a canção com o dedo no cartaz, mostrando o que está sendo “cantado/lido”.

Atividade 4: Leitura da história “Bruxa, Bruxa venha à minha festa”, de Arden Druce.

Convido para que sentem nas cadeiras em círculo e anuncio a leitura de uma história, mostrando para eles a capa do livro. Apresento a capa do livro, salientando o título, o nome da autora e também o ilustrador, explicando que foi o responsável pelos desenhos.

Atividade 5: Leitura e escrita de uma lista de brinquedos.

Fixo no quadro negro uma lista com o título “Lista da Ana”, que trata-se de uma lista de brinquedos, momento em que começo conversando com os alunos e questionando o que é, para que serve e que tipos de listas podemos fazer.

4.2 Sessões de atividades de reflexão sobre a leitura e escrita a partir de diferentes gêneros textuais: práticas de alfabetização

Nesta seção, irei descrever algumas atividades de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, que realizei a partir das atividades com os textos

que trabalhei na seção anterior. Foram realizadas atividades com alfabeto móvel, com desenhos e palavras.

Após a história “Gato pra cá, rato pra lá” (Atividade 1, subseção 4.1) e da realização do desenho ilustrando a história, em uma folha, as crianças precisam identificar o nome do personagem “rato”.

A partir da exploração do jornal (Atividade 2, subseção 4.1), leio com eles o anúncio, onde estavam procurando um cachorro. Na sequência, proponho a escrita coletiva de um anúncio, para encontrar algo que perdemos na nossa escola.

Para trabalharmos a música “A Dona Aranha” (Atividade 3, subseção 4.1), divido os alunos em dois grupos nas mesas e distribuo fichas com desenhos (aranha, sol, parede e chuva). Também proponho uma folha com os desenhos em que eles colam o nome das figuras.

Depois de ouvirem a história “Bruxa, Bruxa, Bruxa...” (Atividade 4, subseção 4.1), os alunos em grupos montam o nome de alguns personagens com o alfabeto móvel no chão da sala, as palavras escolhidas foram: bruxa, coruja e gato.

Após as conversas e questionamento sobre a função de uma lista (Atividade 5, subseção 4.1), convido os alunos para que realizem a leitura da lista da Ana junto comigo. A seguir apresento à eles uma sacola com alguns brinquedos e sugiro que cada um escolha cinco brinquedos da sacola para que realizem as suas listas com o nome e o desenho do brinquedo escolhido. Dentro da sacola, coloco brinquedos os quais não estavam listados no cartaz que fixei no quadro.

5 ANALISANDO PRÁTICAS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO EM UMA TURMA DE PRÉ-ESCOLA

A partir da coleta de dados e dos registros de atividades desenvolvidas com as crianças, procuro mostrar práticas em que o letramento e a alfabetização se manifestaram, enquanto processo, na pré-escola, evidenciando que estas atividades são enriquecedoras para o desenvolvimento das mesmas.

No dia seguinte à leitura da história “*Gato pra cá, rato pra lá*”, comentamos sobre a mesma, e alguns alunos, que não estavam no dia anterior, queriam saber como ela era. Então perguntei quem gostaria de contá-la para os colegas que não estavam presentes. Um aluno recontou a história para os colegas de acordo com as imagens, e ia folheando o livro e passando o dedo sobre o texto, como se estivesse lendo o que estava escrito. Percebi que ele tem o entendimento que aquelas letras contam a história, que as páginas são folheadas da esquerda para a direita e que os textos são lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo. Ademais, ao recontar uma história, além de familiarizar-se com a escrita, a criança enriquece seu vocabulário, conforme afirmam Brandão e Rosa (2010), de ouvintes ativos as crianças podem se tornar leitores ativos, resultado da ação de um “jeito de ler”, apreendido com a contação de histórias.

No momento de identificar a palavra “rato”, presente na história contada acima, alguns a conseguiram identificar, quando eu fiz a leitura das palavras, pelo som da letra R, utilizando como estratégia a repetição da palavra, separando as sílabas, pensando sobre o som das letras e afirmando que R-A é RA. Alguns confundiram-se com a palavra “pato”, mas a maioria indicou a palavra correta. Albuquerque e Leite (2010) argumentam que é preciso que o adulto explore com as crianças os sons das palavras, chamando a atenção para uma das características da escrita alfabética, reforçando a presença das vogais nas sílabas compondo assim as palavras.

Parto da ideia de que as atividades de alfabetização e letramento diferenciam-se, mas devem se desenvolver de forma integrada, e que esses processos se dão por meio de atividades específicas, referentes a cada uma delas, vinculando-as de modo que uma complemente a outra. Dessa forma, na atividade nº 2 da seção 4, em que trabalho com um anúncio de jornal, procuro fazer esta integração, propondo o convívio com material escrito e a experiência do uso da escrita nos mais variados contextos, favorecendo a construção do

conhecimento em torno da leitura e da escrita e o seu uso nas diversas ações cotidianas.

Ao folhear o jornal, eles paravam mais para ver as fotos, alguns conheciam pessoas que apareciam nelas. Quando questiono o que é e para que serve um anúncio, eles respondem que o anúncio é para vender alguma coisa, e que a mãe ou o pai postavam no “face”, não no jornal, uso muito presente nas redes sociais em Jaguarão. Percebo assim, que as crianças trazem o conhecimento sobre o uso da leitura e da escrita em suas vivências e que essas duas atividades fazem parte do contexto de muitas crianças, tanto a alfabetização quanto o letramento, sendo construído e desenvolvido antes mesmo de chegarem às salas da pré-escola.

Na realização da escrita coletiva do anúncio que propus, servi de escriba, escrevendo o que eles ditavam. Então eles disseram que tínhamos perdido um casaco, de cor cinza com botões roxos e o desenho de flores e um arco-íris. Quem encontrasse o casaco deveria entregar na casa do Lúcio⁷. A partir daí surgiu uma discussão, a qual descrevo abaixo:

João nos disse: “E quem não conhece o Lucio? Tem que colocar a rua e o número.” Escrevi então o endereço e o número da casa, mas o Enzo disse: “Tem que colocar também pré A, ‘tia’ Cinara?” E pediu para ele escrever meu nome, que escreveu com a ajuda do João que ia soletrando.

Melo e Silva (2006) ressaltam que a produção de textos coletivos pode constituir-se em uma atividade muito interessante, porque permite às crianças observar a escrita da professora, “e isso se torna relevante á medida que eles são expostos a um modelo mais experiente de produtor de textos, sobretudo se ele (o professor) expressa oralmente as decisões que está tomando durante a escritura do texto”. (p.90).

Procuro trabalhar com a música, por acreditar que ela traz benefícios tanto para os professores quanto para os alunos. Utilizando-a como ferramenta pedagógica, os alunos sentem-se motivados, pois ela proporciona um processo

⁷ Usarei nomes fictícios para preservar a identidade das crianças.

de construção do conhecimento mais lúdico e prazeroso. Acredito que utilizar a música no espaço da sala de aula pode tornar-se um atrativo, sem perder a propriedade pedagógica e desenvolver métodos de aulas mais interessantes. Quando levo para a sala de aula a música “A Dona Aranha”, eles falam e levantam várias hipóteses, depois dizem algumas palavras que eles conhecem com as mesmas iniciais. Falo para eles que é uma música e leio o título, logo eles já começam a cantar com muito entusiasmo. Canto devagar, passando a mão pelas palavras e sempre frisando mais as palavras aranha, chuva, sol e parede. Cantamos assim três vezes, e eles começam a cantar também, acompanhando no cartaz, como se estivessem lendo a música. Depois de ler e cantar a música, peço que eles se dirijam até o cartaz e substituam as palavras pelas figuras que representam as mesmas, com a intenção de oportunizá-los a refletir sobre as hipóteses acerca do que a escrita representa e como ela se dá. Às vezes, um colega quer colar a figura em uma palavra que começa com a mesma letra, como no caso de “subiu e sol”. Então as outras crianças ajudam dizendo que sol era S – O – L, soletrando a palavra. Durante a atividade, surgem alguns comentários como: “ A – RA – NHA e ÁR – VO – RE e AR-THUR tem as mesmas letras”.

A música é um recurso de grande importância, pois além do professor estar estimulando a entonação e o ritmo, ele também trabalha o texto oral, a pronúncia de palavras, o vocabulário. A estratégia de utilizar-se a música faz com que aproxime as crianças da escrita, leitura e oralidade de maneira lúdica e divertida. Morais e Silva (2010) mostram que é possível a criança iniciar a aprendizagem do sistema alfabético, assim como fazer algumas correspondências grafofônicas do nosso sistema de escrita, reconhecendo regularidades nas relações entre unidades sonoras e unidades gráficas.

Neste dia o principal assunto era a festa de Dia das Bruxas: um aluno dizia que iria fazer uma festa em casa e convidou os colegas. Eles levaram alguns desenhos de bruxas, vampiros e fantasmas, para que eu decorasse a sala de aula. Aproveitando o interesse deles, anuncio a leitura de um livro, cuja história era sobre a festa de uma bruxa. Eles gostaram muito do livro, ouviram com muita atenção, estavam entusiasmados com aquele suspense que eu fazia a cada personagem convidado para a festa. Depois de ouvirem a história, pediram-me para que eu deixasse eles escolherem no livro o personagem que

mais gostaram. Assim o livro passou de mão em mão, e todos escolheram seus personagens. Então pediram para contar a história também, mostrando que além de ouvintes estão se tornando leitores e produtores de obras de arte, quando estão fazendo de conta que leem a história e, a partir daí, realizam seus desenhos para ilustrar as mesmas. Peço que eles divididos em grupos formem o nome de alguns personagens com o alfabeto móvel. Enquanto procuram as letras, eles vão separando as sílabas, por exemplo, no caso de: CO - RU – JA.

O Tiago disse: “Já é J e A”. Logo foram juntando as letras, colocaram no chão, olharam, pensaram e pediram para ver o livro, então silabando mais uma vez, montaram a palavra.

Entendo que atividades em que as crianças refletem sobre a escrita e elaboram hipóteses a respeito dessa linguagem são importantes e devem fazer parte do trabalho realizado na pré-escola. Através do alfabeto móvel, um recurso pedagógico que contribui para que as crianças realizem descobertas em relação à escrita e à leitura, é possível perceber que surgem alguns conflitos na construção do sistema escrito. No primeiro momento, porque se depararam com um grande número de letras, mas a partir da troca de ideias as crianças acabam encontrando formas de escrever a palavra. Para Emilia Ferreiro (2000), a criança não aprende submetida a um ensino sistemático, mas sim à toda produção desenvolvida por ela, que pode representar algo que necessita ser interpretado para poder ser avaliado, dando ênfase não só nos aspectos gráficos mas sim nos aspectos construtivos.

Utilizo-me da lista por entender que a mesma está presente no cotidiano de todo mundo, é um tipo de texto que apresenta importante forma de aprendizagem na alfabetização, porque possui uma estrutura simples e faz parte do contexto social dos alunos, permitindo que se realizem atividades em grupo ou individualmente, usando lápis e papel ou letras móveis. A partir desta atividade, pude perceber o que os meus alunos sabem sobre a leitura e a escrita. Realizei a atividade sem o intuito de que eles escrevessem

convencionalmente, mas sim de acordo com suas hipóteses, refletindo e justificando suas escritas, também proporcionando que depois pudessem perceber como se dá a escrita, ampliando seus conhecimentos. Após a escrita das listas pelas crianças, acompanhada dos seus desenhos, quando realizei a escrita da lista com o nome de cada brinquedo, mostrando para eles individualmente no momento em que escrevia, considero que além de o professor atuar como escriba das crianças, mostra a importância das convenções do sistema de escrita, como a construção silábica, o sentido espacial da escrita e a relação das grafias com os padrões sonoros. Em situações em que as crianças escrevem do jeito delas, essa escrita deve vir acompanhada da escrita convencional, para que possa ser comparada com a sua e compreendida. A criança poderá entender que escrever do seu jeito faz parte do processo de aprendizagem da escrita, mas que, para compreender o que se escreve, o sistema de escrita alfabético é fundamental.

Quando fixei o cartaz com a lista no quadro, me surpreendi quando alguns alunos começaram a realizar a leitura junto comigo. Ao perguntar o que estava escrito ali, surge o diálogo que estava escrito ali, surge o diálogo que descrevo abaixo:

O Joaquim me diz: “Aí se lê lis-ta, já sei!” E o João completa dizendo: “Da Ana”. O Tiago lê a primeira palavra, “pa-ti-ne-te”, então o Bernardo diz que é uma lista de presentes

Enquanto escrevem eles vão separando as palavras por sílabas na fala, para perceber através do som emitido quais letras devem usar. A Ana, para escrever guitarra, fez uma relação com o nome do colega Guilherme. Ela ia repetindo a palavra, e então me disse:

“Gui-tar-ra é igual Guilherme, nosso colega, então é G, H, e I mas Guilherme não tem A, então como é?”

Ao analisar as escritas dos nove alunos que realizaram a atividade, concluí que seis alunos manifestam uma escrita de nível pré-silábico, em que,

segundo Ferreiro e Teberosky (1985), a criança explora tanto critérios qualitativos (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade) ou critérios quantitativos (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Para estas crianças, a leitura e a escrita só são possíveis se houver muitas letras, e letras diferentes e variadas. Três crianças manifestam escritas de nível alfabético, em que geralmente as crianças já conseguem ler e expressar graficamente o que pensam ou falam, e é possível a compreensão de que uma sílaba pode ter uma, duas ou três letras, mas ainda se confunde, ou se esquece de algumas letras.

Ferreiro (1996) salienta que a criança passa por um processo antes que compreenda a natureza de nosso sistema alfabético de escrita, e que cada momento de compreensão sobre a escrita caracteriza-se por esquemas conceituais específicos. Uma das principais consequências da incorporação da psicogênese da língua escrita na alfabetização é a recusa ao uso das cartilhas que, segundo Ferreiro (1985), oferecem um universo artificial e desinteressante às crianças. Portanto, a compreensão da função social da escrita deve ser estimulada com o uso de textos da atualidade, livros, histórias, jornais, revistas etc, enfatizando-se quando são usados, como são usados e por que devem ser usados em cada contexto, aliando o processo de alfabetização ao processo de letramento, conforme Soares (2001).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tive como objetivo descrever e analisar as práticas pedagógicas de letramento e alfabetização desenvolvidas, por mim, em uma turma de pré-escola e identificar os possíveis impactos dessas práticas na relação das crianças com a escrita. Penso que a proposta de alfabetização na perspectiva do letramento constitui um desafio para o professor que necessita modificar sua prática pedagógica, a partir do ensino da leitura e da escrita de forma contextualizada, propondo uma ressignificação da prática alfabetizadora, em torno da alfabetização e do letramento rumo a uma aprendizagem significativa.

Sendo assim as práticas de alfabetização desenvolvidas devem contemplar a contextualização da escrita com base nas situações reais de uso dessa tecnologia na sociedade, oferecendo condições para o letramento e possibilitando ao aluno o acesso à cultura letrada, permitindo o conhecimento das diferentes formas de utilização dos recursos comunicativos. Acredito que o trabalho pedagógico desenvolvido na pré-escola deva contemplar a proposta de alfabetizar letrando, em que o ensino do sistema de escrita alfabética esteja vinculado às práticas sociais de sua utilização de forma significativa, apresentando suas diferentes finalidades no contexto social, pois em uma sociedade letrada não basta apenas aprender a ler e a escrever, é preciso praticar socialmente a leitura e a escrita, compreendendo seu uso, conforme argumenta Soares (2001).

Portanto, procuro evidenciar que é possível sim realizar um trabalho de letramento e alfabetização na pré-escola com atividades prazerosas, motivadoras e desafiadoras, nunca esquecendo da forma lúdica de ensinar.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana C. B. de; LEITE, Tania M. R. Explorando as letras na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. (orgs). *Ler e Escrever da Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.42
- BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. (orgs). **Ler e Escrever da Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.19
- BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. (orgs). **Ler e Escrever da Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.107
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MELO, Kátia L.R. de; SILVA, Alexsandro da. Ditando e escrevendo: a produção de textos na Educação Infantil. In In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C. de S. (orgs). **Ler e Escrever da Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.128.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.